

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

O PROCESSO DE MUDANÇA DA IGREJA: Um
Estudo sobre as Comunidades Ecle-
siais de Base em Campina Grande.

IRACI SABINO DE ANDRADE

CAMPINA GRANDE-PB

1 9 8 5



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

S U M Á R I O

	Pág.
- INTRODUÇÃO	03
- CAPÍTULO I	
1. ATUAÇÃO DAS CEBs NO BRASIL	06
1.1 - Conjuntura Política e Social do País	06
1.2 - A Formação das CEBs no Brasil	14
- CAPÍTULO II	
2. ATUAÇÃO DAS CEBs EM CAMPINA GRANDE	21
2.1 - O processo de formação das CEBs em Campina Grande	21
2.2 - Relatório da Atuação das CEBs em Campina Grande	26
- CONCLUSÕES	34
- BIBLIOGRAFIA	37

- INTRODUÇÃO.

O objetivo deste trabalho é atender as exigências do Curso de Bacharelado em História, que determina pelo seu regimento a necessidade de um trabalho monográfico para a sua conclusão.

A escolha do tema, visou atender os seguintes objetivos. Em primeiro lugar, apreender a relação existente entre o processo de mudança em curso no Brasil e a criação das CEBs. Em segundo lugar, através do estudo específico das CEBs em Campina Grande, conseguir detectar a sua influência com relação a transformação efetiva da sociedade.

Visando atender estes objetivos dividimos o trabalho em duas partes: Na primeira parte procuramos analisar a conjuntura político e social do país, no período em que as CEBs foram criadas, para compreender como a Igreja é inserida no contexto e quais as mudanças

que ela é obrigada a fazer, para não perder os espaços conquistados.

A segunda parte foi dedicada ao estudo específico das CEBs em Campina Grande procurando-se verificar o seu processo de formação e atuação, para compreensão do seu papel efetivo no processo de mudanças a se realizar.

O nosso trabalho, tem como única pretensão, sucitar algumas questões sobre a formação e atuação das CEBs em Campina Grande, contribuindo de uma forma bem modesta para uma discussão mais fundamental: O processo de transformação da sociedade.

As próprias condições em que o trabalho foi elaborado (tempo limitado, dificuldade de conseguir que as pessoas envolvidas na atuação das CEBs falem sobre o seu trabalho) impediram que conclusões mais definitivas fossem tomadas.

Limita-mo-nos, portanto, a falar de uma maneira geral sobre o assunto.

CAPÍTULO I

ATUAÇÃO DAS CEBs NO BRASIL

- CAPÍTULO I

ATUAÇÃO DAS CEBs NO BRASIL.

1.1 - Conjuntura Política-Social do país.
(1950-64).

Na década de 50, o Brasil apresenta uma tendência de propagação do nacionalismo, sob o rótulo do populismo.

Vargas, apoiado pela maioria dos operários e da pequena burguesia, apoiava o controle nacionalista. Entretanto, já se configuravam sintomas de crise, como o desequilíbrio na balança de pagamentos, inflação e necessidade de substituição das importações.

O grande capital começa a pressionar necessitando de mercado para as chamadas "Empresas Multinacionais".

Vargas tenta colocar-se ao lado da chamada "bur

guesia nacional" e das classes trabalhadoras, tomando medidas como a que impede a total remessa de lucros das multinacionais para o país de origem.

O aumento dos salários e da inflação leva a perda do poder aquisitivo e conseqüentemente à contestação dos trabalhadores. O mesmo é pressionado tanto pela "burguesia nacional" como pelos trabalhadores. Optando por aliar-se ao lado do capital internacional. A burguesia conseqüentemente aumenta os seus lucros, explorando com maior intensidade os trabalhadores.

A partir deste momento, a Igreja começa a modificar-se com relação à posição em relação aos trabalhadores e começa ainda parcialmente, interesses por seus problemas reais.

Em 1952, foi criada a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sob a liderança de Dom Helder Câmara e outros. Inicialmente a mesma propõe a discutir os problemas de competência do episcopado e de interesses comuns. A CNBB, congrega o coordenador, arcebispos, bispos, freiras e padres. Com o decorrer do tempo e das necessidades a CNBB, sofre alterações passando a ser composta por conservadores progressistas e moderadores. Passando a existir uma divisão interna dentro da própria Igreja.

Nesse período de transformação dentro da ordem capitalista uma ala da mesma passa a denunciar a corrupção, sendo um meio de alertar o próprio povo, os seus próprios problemas. Entretanto as suas proposições não

vão além do que o governo estabelecia.

A Igreja transmitia a versão de neutralidade política partidária, só que na prática sua posição era outra.

O grande capital, começa a edificar-se sem grandes objeções e consegue aliar-se à burguesia que se dizia nacional, quando um avanço desenfreiado nas condições. A pequena e média burguesia é esmagada pela grande e os operários sentem o aumento da pobreza, modificando-se para pior a vida da grande maioria da população, tanto no meio rural, como urbano. Sentindo a necessidade de mudança, para não perder o espaço conquistado. A igreja procura atuar dentro das massas.

O caminho de obter esta mudança por parte da Igreja é inicialmente no meio rural, com curso de catequeses e grupos bíblicos.

No período de 50 à 60 ocorreu a ampliação da influência do capital internacional, que pressiona para que ocorram mudanças infra-estruturais, que possibilitam a sua expansão em todo o território nacional.

Juscelino Kubitschek, pretendeu satisfazer estas pressões com a criação da SUDENE. Justifica a sua atitude, dizendo que estava procurando melhorar as condições do trabalhador nordestino. Na realidade procurava conter a mobilização dos trabalhadores, que começavam a se organizar através de movimentos como: as Ligas Camponesas, "nos primeiros tempos, as ligas se fixaram objeti-

Ver Pg. 26
contradição

vos de curto prazo e de maneira um tanto paternalista (co-
mo aquisição de "caixões de anjos" em face do alto índice
de mortalidade infantil na região), passando em seguida
para uma fase mais reivindicativa, tentando abolir o "cam-
bão" ou exigindo indenização pelas benfeitorias feitas nas
terras, por tempo de serviço, etc., quando eram expulsos
dos latifúndios". (1)

O que podemos constatar é que a partir deste
momento, o Nordeste começa a passar por um processo de mu-
dança, de "fora para dentro" sendo destruídas as bases
de uma economia menos dependente com relação ao Centro-
-Sul.

A burguesia local começa a perder o seu poder.
Acentuam-se então as desigualdades sociais.

As consequências da criação da SUDENE dirigida
por incentivos fiscais levou a "as contradições de repro-
dução do capital e das relações de produção em cada uma
ou, pelo menos, nas duas principais "regiões" do país, si-
nal de uma redefinição da divisão regional do trabalho
no conjunto do território nacional, começam a aparecer
como conflito entre as duas "regiões", uma em crescimento
outra em estagnação. (2)

(1) MELO, Luis Gonzaga. Ideologia Dominada, Ideologia Dominante e
Consciência de Classe (Um estudo sobre Comunidades Eclesiais de
Base). Dissertação de Mestrado - UFPB - Campus II - Campina Gran-
de, 1981. p. 8.

(2) OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião. 3ª Ed. Rio
de Janeiro. Paz e Terra. 1981. p. 38.

Entretanto em decorrência do processo citado no Nordeste, aflora cada vês mais, o descontentamento popular.

A Igreja que se diz progressista, começa a atuar dentro deste contexto, procurando amenizar as tensões sociais procurando promover uma mudança dentro da ordem.

Janio, no poder procura ter uma política de combate a inflação, e no entanto elimina os subsídios, as importações de produtos de primeira necessidade (trigo, petróleo, etc) acelerando o aumento de custo de vida, e congela os salários. Para contornar o problema, o mesmo escolhe seguir diretrizes determinado pelo Fundo Monetário Internacional. Como a estimulação das exportações de produtos de origem agrícola.

Procura até certo ponto uma retomada, de uma política nacionalista, procurando estruturar uma política menos dependente para o Brasil. "O Projeto de Jânio se restringia a uma tentativa de neutralismo. Isto empunha para o seu razoável funcionamento, uma transformação mesmo dentro de um sistema capitalista no esquema do poder que articula os interesses da burguesia brasileira, aos investimentos estrangeiros notadamente aos norte-americanos". (3)

No entanto a política de Jânio era contraditória-

(3) Cit. ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de. Peguna História da Formação Social brasileira. Rio de Janeiro. Ed. GRAD. 1981. p. 629

ria, no sentido de que ele adotou medidas de interesses ao capital norte americano, e viaja a países socialistas à procura de mercado como: Cuba e União Soviética.

Desta forma, o governo cresce o desenvolvimento industrial da região centro-sul e "o esgotamento do norte e nordeste. Com investimentos do grande capital, e nacional, aumentando cada vez mais os problemas sociais e políticos.

O movimento camponês, continua em suas reivindicações, nesse período os comunistas estimulam a formação de sindicatos, ao mesmo tempo que os elementos católicos também formam os seus. As ligas perdem um pouco de sua força.

A nova forma de organização deve ser dirigido pelo Estado com auxílio da Igreja Católica, que cria uma equipe ligada a assistência no meio rural.

Neste período, a Igreja principalmente no Nordeste temendo uma mudança na ordem, começa a combater através da criação de sindicatos.

No governo de João Goulart, marcado pelo populismo, e que assumiu um rótulo nacionalista, realizam-se algumas reformas de base. Ao assumir o governo em 1961, o presidente Goulart, herdou uma frágil situação política, e uma situação econômica bastante comprometida pelos tradicionais problemas ligados à inflação, ao crédito e à dívida externa. Como também teve que se defrontar com interesses estrangeiros, de governos anteriores. As medi

das econômicas na proposta durante o seu governo tornaram-se obsoletas (Plano Trienal). Goulart, teve de tomar medidas urgentes forçado pelos grupos que apoiavam o seu governo.

Na crescente conjuntura da crise para conciliar com as classes que o precionava, João Goulart é forçado a iniciar uma prévia de reforma agrária, como também, medidas como a nacionalização de refinarias de petróleo aprovou uma lei para regular a remessa de ouro para o exterior. É preciso compreender o jogo de forças sociais envolvidas. A classe dominante, estava dividida, e o parlamentarismo se constituiu na melhor solução, em decorrência da resistência popular. "As sucessivas quedas de gabinete não traduziram o colapso de uma forma de governo, mas sim, uma crise de dominações de classe, com aprofundamento das contradições internas e externas do país."

A restauração do presidencialismo não decidiu a disputa do poder político pelas facções da burguesia. "Diante da presença de um proletariado mais ativo, embora conduzido por uma burocracia sindical privilegiada, Goulart continuou sem condições e meios de romper o impasse. Entre as crescentes necessidades do desenvolvimento brasileiro e os interesses dominantes do imperialismo norte-americano".⁽⁴⁾

Dentre destas circunstâncias do governo brasileiro não tinha condições de sufocar a voz do povo ou de

(4) BANDEIRA, Muniz. Carteis e Desnacionalização. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1975. p. 435.

abafar as suas reivindicações.

Nessa fase a Igreja passava por um período de renovação, passando a sentir de perto os problemas sociais do povo.

Foi então que, através de alguns membros expressivos do Episcopado, ela abraçou as causas, das reformas de base. Seguindo assim um caminho inédito, dirigido pela CNBB, que acordou para o crescimento da miséria do país.

O pretexto da propagação, da penetração do comunismo no país, tese de muito agrado dos conservadores e dos grupos interessados pela programação do grande capital, leva a Igreja a apoiar junto dos militares a tomada do Poder, segundo ela, para que o país submergisse no caos econômico e na subversão.

Além disso, o capitalismo estava passando por uma crise, onde o caminho encontrado para recuperação, seria aplicar capital nos países periféricos, onde existia mão-de-obra abundante, mas para garantir suas aplicações, precisava de estabilidade social, impedindo as agitações populares.

As classes dominantes em comum acordo, jogam os militares no poder como já haviam planejado, pois os militares asseguram a ordem, sem outro compromisso.

A Igreja que antes do golpe tinha dado uma avançada, depois de 64 ela recuou, acompanhada pela CNBB.

1.2 - A Formação das CEBs no Brasil.

A formação das CEBs no Brasil é produto de vários fatores, gerado dentro de processo de desenvolvimento de um capitalismo independente no Brasil.

Inicialmente em represália da perda do seu poder aquisitivo os "grupos populares", começam a se organizar com os jovens; que em sua maioria pertenciam a pequena e média burguesia, que por decorrência do próprio sistema estava perdendo o seu poder aquisitivo. Os jovens organizam-se em grupos como: Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Agrária (JAC), Juventude Estudantil (JEC) e Juventude Universitária (JUC). Propondo-se a orientar as classes menos favorecidas tanto no campo como na cidade, começando a se transformar em uma força na política nacional.

Posteriormente, foram organizado através da Igreja movimentos de Educação de Base (MEB), orientado teoricamente por Paulo Freire, que em sua estrutura residia na conscientização, dos seus problemas sociais. Este movimento, logo se alastrou por todo país, aperfeiçoando a técnica de grupo com a participação de leigo e jovens.

Em 1964 a Igreja apoia o golpe recuando da sua posição, anteriormente edificada em defesa dos oprimidos.

Após a Igreja começar a mudar a sua posição com relação ao Estado. As razões desta mudança podem ser encontradas, como não só tentativa, de sustar a penetra-

ção de protestantes e outras (espiritismo, umbandismo), como também por temer perder o espaço conquistado junto ao povo, já que as contradições tendiam a se aprofundar aumentando a distância do povo com relação ao Estado, que impõe o AI-5 como um instrumento que barrou qualquer movimentação popular. A Igreja dita popular passa a atuar e sofrer diretamente a pressão do Estado.

Inicialmente a Igreja, apostou nos sindicatos devido sua desmobilização, ela passa a apostar nas CEBs.

As CEBs surgiram no Brasil nos anos 60, com objetivos básicos, a evangelização comunitária através dos grupos bíblicos e como também (através do MEB), como também com o trabalho pastoral da CNBB.

A formação das CEBs, variam muito de uma região para outra, em suas fórmulas, aspectos e condições. "Mas estruturam-se dentro de um mesmo princípio filosófico, inspirado no Concílio Vaticano II, que defende a libertação do homem por seu esforço".⁽⁵⁾

As classes populares, encontram uma nova Igreja impulsionada pelo Vaticano II, Medellín, depois Puebla, que foi um sinal aberto para sua concretização, com a atuação dos leigos na prática pastoral.

A partir dessa colocação inicia-se divergência dentro da própria Igreja Católica no Brasil. Essa nova forma de ação da Igreja dita como "popular", afastada da hier

(5) Cadernos do CEMS - Nº 56. Julho/Agosto. 1978. Bahia. p. 38.

rarquia tradicional, seria uma Igreja totalmente voltada não só para os aspectos espirituais, como também sociais e econômicos.

As outras formas opostas à "popular" que é a tradicional ou conservadora, é ligada tradicionalmente ao Papa, e a alta cúpula da sociedade. E não vai muito além a pregação do Evangelho, conservando na sua posição de apoio do poder estabelecido mesmo ditatorial.

Já o outro grupo da Igreja, não precisa, a liberal é bem mais aberta, assume um posicionamento crítico diante do sistema. "Denuncia as violações dos direitos humanos, e reclama melhores condições de vida para o povo. Todavia prefere dialogar com o Poder, mesmo quando o diálogo não passa de um monólogo a dois".⁽⁶⁾

É um grupo que originou os movimentos dos jovens, de casais, etc. Este movimento é bem contraditório, pois, tem na teoria uma divulgação crítica, sem mostrar a essência dos fatos, o que realmente não é o seu objetivo.

A Igreja liberal, tem uma grande importância, não só no apoio da vanguarda, como intermediária entre a conservadora e a popular.

E finalmente, o grupo chamado "Igreja Popular", por dar preferência aos pobres. Só que para alguns autores ela pode ser dividida em três momentos: o momen-

fica em ?

(6) OLIVEIRA, Ma. Grangeiro de. Igreja em Mudança. (Trabalho Mimeografado). p. 110.

to inicial, utiliza o próprio Evangelho para enfrentar os problemas reais dos pobres, sem ir muito afundo. O segundo momento, apresenta a participação de todos, partindo da prática religiosa, chegando aos mais diversos setores da sociedade.

As Comunidades Eclesiais de Base que foram implantadas como um meio da Igreja incorporarem-se ao povo, que desejou a transformação social, a partir da fé. Dentro de sua posição reformista, tentando minimizar as tensões, a Igreja se propõe a ser uma mediadora, falando pelo povo, mas a sua atitude tem como consequência, a repressão do Estado.

A nova maneira de organização adotado por um grupo da Igreja que se baseou na Teologia da libertação, se propunha a atuar baseando-se na realidade, vai ter sua atuação prejudicada pela perseguição que sofre os seus membros.

Um grande número de atuantes presos, torturados e mortos em todo país, pois estes agentes em sua grande maioria são tratados como subversivos.

Para Boff e outros teólogos, o que caracteriza as CEBs é ser "linha de frente da Igreja Brasileira".

Foram inicialmente edificadas nas áreas rurais, pobres e como também carentes (como no Nordeste).

Os seus criadores, propõem levar as comunidades a refletir sobre a realidade como uma forma de leva-las a atuar dentro desta realidade.

E finalmente o terceiro momento, que seria o seu estágio final da comunidade, onde os grupos participantes dirigem-se para debates políticos, possibilitando a organização de uma grande força: (povo e Igreja).

Procuram atuar utilizando os agrupamentos dos movimentos de bairro e clube de mães, como também, nos sindicatos, partidos, etc.

As CEBs não tem um modelo único, cada comunidade atua dentro de sua capacidade e necessidade. "Sendo um dos maiores grupos de organização em todo país, com cerca de 80 a 100 mil, com um número bem maior nas áreas rurais, e principalmente onde existe problemas sociais, o pessoal fala sobre os diversos problemas como: falta de terra, são expulsos gerando conflitos; os bóias-frias e a concentração das terras em mão dos grandes; secas e enchentes".⁽⁷⁾

As CEBs, procuram atenuar estes problemas, mostrando o povo aos caminhos possíveis a serem resolvidos.

Sendo as CEBs, movimento nacional e mundial, é difícil de ser uniforme, não esquecendo os problemas de partidos políticos que tentam a todo custo manipular. *para manipular*

Em geral as CEBs, tem as mesmas dificuldades, como por ser um grande organismo de apoio popular, está sempre perto da manipulação partidária, principalmente no

(7) 5º Encontro Entereclesial das CEBs. (Canindé, Julho de 1983). p. 34.

agente pastoral.

Os leigos tentam estar em um processo adiantado de conscientização para não se deixar influir, ou influir os outros. A sua participação consciente para discutir assuntos como: trabalho, salários, saúde, estudo, família e abertura para Deus).

1 O importante papel que passa a exercer perante a sociedade, com a formação das CEBs como a descentralização do papel da Igreja.

O povo que faz parte das CEBs em geral em todo país, fazem reuniões semanais, em grupos e participação de todos de 15 a 30 pessoas, dividindo as tarefas, em vários minigrupos, evangelhos, cultos, para preparação de casamento, batismo, etc.

2 *causas* As CEBs, como já foi dito em sua maioria, é na zona rural, desde 1978 que ela começa a sua multiplicação na zona da periferia das grandes e médias cidades, em geral atingindo os moradores pobres, onde melhor caracteriza a palavra "povo", em que na sociedade atual é marginalizado e explorado.

Geralmente o povo luta hoje no Brasil (Campina Grande) contra o "Estado". O grande movimento popular que está por trás das CEBs, não somente reivindica, mas leva questionamentos na política, no município, no Estado e no País, que sobre pressão começa a multiplicar seus projetos no campo social e no campo econômico.

CAPÍTULO II

ATUAÇÃO DAS CEBs EM CAMPINI
NA GRANDE

- CAPÍTULO II

ATUAÇÃO DAS CEBs EM CAMPINA GRANDE.

2.1 - O Processo de formação das CEBs em Campina Grande.

A formação das CEBs em Campina Grande é vista dentro de um contexto em que o Brasil e conseqüentemente, Campina Grande estava passando em decorrência da estrutura opressiva dos governos militares.

Nos últimos anos, as classes populares foram jogadas no abismo planejado, pelo grande capital perdendo as suas condições mínimas de subsistência. Aprofundam-se as contradições, agravando-se a migração do campo para cidade, devido a concentração de terras, e também do atrativo surgido com a implantação de indústrias na zona urbana.

A SUDENE incentiva a implantação das indústrias no Nordeste concedendo incentivo ao prazo de dez

anos. Passando este período, os empresários começam a declarar falências. Podemos citar como exemplo o caso da Wallig em Campina Grande, que fechou suas portas deixando uma grande quantidade de desempregados.

Estas transformações estruturais são responsáveis pelo grande número de desempregados e subempregados (camêlos), e conseqüentemente surgimento das favelas, ocupadas por pedintes e marginalizados.

A pressão sobre as áreas periféricas da cidade aumentam. Começam a surgir áreas de conflitos.

Um primeiro movimento popular de Campina Grande de repercussões, foi a invasão do Pedregal. Em sua maioria os invasores eram vítima do processo anteriormente citado.

O movimento iniciou no período de Evaldo Cruz, concretizando-se no de Enivaldo Ribeiro.

O processo de ocupação continua, como também, a socialização da miséria. Procurando minimizar as tensões os governos apelam como ARENA, a construção de obras faraônicas como: Estádio Amigão, Shopin Center, etc., utilizando a mão-de-obra desqualificada, que recebia uma remuneração, incompatível com seu trabalho.

Em decorrência do processo citado, verifica-se o aumento da violência (assaltos, crimes, etc.). Fenômenos como a Mão Branca, atestam o índice de miséria da grande parte da população, e as formas encontradas pelos donos do poder, para tratar de um problema que pode-

ria ameaçar a ordem estabelecida. A seca neste período contribuiu para aumentar o número de favelados, principalmente mulheres e crianças, pois os homens em sua maioria é transportado pela Itapemirim com destino ao Centro-Sul.

É nesse quadro de necessidade que a Igreja dita como popular, utiliza este quadro e começa a edificar seu trabalho, tentando minimizar o quadro de exploração, procurando levar o povo a lutar para resolver os seus problemas mais imediatos.

Na cidade de Campina Grande o desenvolvimento das CEBs teve dois momentos decisivos responsáveis por seu início e expansão: um do curso de evangelização que servirão de estímulos a formação de uma base de mudança, além dos já citados.

Os cursos de Evangelização iniciado no fim da década de 70, procurava divulgar as bases católicas dentro de uma nova fase de divulgação do Evangelho visando a conscientização e a reflexão crítica, e com a participação dos leigos, uma característica da CEBs.

Os jovens, começaram principalmente no bairro do Catolé, a partir de um trabalho efetuado pela chamada Igreja Tradicional através da formação de grupos para cânticos, campanhas, encontros, etc.

Depois é que começam a atuar nas áreas da periferia de Campina Grande. Com expressivo número de leigos engajados nos trabalhos pastorais, sendo que os estágios (os níveis de participação dos membros) não são unifor-

mes como também os trabalhos. As reuniões de base efetuam-se sob a direção de coordenadores, integrando leigos e religiosos, são periódicos.

Diferentes sob vários aspectos as Comunidades Eclesiais de Base, o que guardam em comum "e o específico das comunidades eclesiais de base reside em seu caráter religioso. Este é o eixo em torno do qual elas se movimentam". (1)

No seu processo de organização, utilizam geralmente pessoas da mesma camada social, geralmente da periferia de Campina Grande e de localidades vizinhas (fazendas, sítios, etc.).

Não se deve esquecer as dificuldades encontradas, até pelas precárias condições dos habitantes.

que a origem, causa é a causa das dificuldades!

No geral as CEBs começaram em grupo pequenos, pelo estímulo do agente pastoral (padres, líderes e freiras) e trabalham em Curso de Evangelização, para conscientizar, onde os trabalhos são divididos. "Permitindo aos membros das CEBs tomarem consciência da sua situação diante do sistema, tanto como nos operários, camponeses, permitindo-lhes, muitas vezes modificar sua maneira de ser, de viver e de se organizar, assim como conscientizando-os da importância de se unirem, para a defesa de seus interesses". (2)

(1) BETTO, Frei. Da Prática da Pastoral Popular, in: Encontros com a Civilização Brasileira, nº 2, 1978. p. 95/97.

(2) Jornal do Brasil. 10/05/80.

A área de atuação das CEBs em Campina Grande é relativamente pequena em relação ao número de habitantes, apresentando-se dificuldades em razão dos obstáculos que o seu trabalho suscita.

Detectamos 5 (cinco) áreas de atuação, importante em Campina Grande em segundo plano as outras o trabalho apenas iniciando. Em geral os participantes, tem problemas comuns e em sua grande maioria são posseiros, agricultores, biscateiros, domésticas, subempregados.

O paternalismo, processo assistencialista de doação de feiras, remédios, etc., é um dos problemas da CEBs em Campina Grande não sei se pela condição do povo ou como tática no seu trabalho de organização. A tomada de consciência vai se processando de maneira muito lenta, pois muitos temores tem de ser vencido para que reivindicações mínimas sejam atendidas.

Por outro lado e mesmo porque o ritmo do processo de conscientização é desigual de pessoa para pessoa. Aos poucos, como já citamos, é que os membros vão se assumindo e exercitando o direito de defesa de seus próprios interesses; utilizando os organismos oficiais ou associações como sociedade de Amigos de Bairro-SAB, Clube de Mães, etc.).

Na realidade, na maioria das CEBs que atuam em Campina Grande, tanto os padres e os dirigentes (agente social) nas reuniões observam mais que falam, tentando não influir na decisão dos participantes.

As comunidades de modo geral, são muito po-

bres, servindo as reuniões como encontros sociais e culturais.

As comunidades inicialmente criadas sob a proteção da Igreja, depois passam a ter vida própria, constituindo aos poucos uma grande força popular. Mesmo dentro de um regime autoritário, as CEBs não se curvaram e foram redutos de resistência. Embora as limitações de sua própria formação não possibilite, como foi detectado em muitas das CEBs visitadas, um trabalho de oposição concreta ao sistema de dominação.

introdução
16
Pg. 8

2.2 - Relatório da Atuação das CEBs em Campina Grande.

De acordo com entrevistas com pessoas que atuam nas CEBs em Campina Grande, em diversos locais de atuação.

Iniciaremos com a CEBs de Santa Rosa, não só pelo tempo de atuação (8 anos) como pelo trabalho de base realizado.

A CEBs é composta por 30 a 40 pessoas, sendo que em sua maioria são mulheres. Este grande grupo é dividido em pequenos grupos que chamam-se mini comunidades distribuído por áreas, reunindo-se semanalmente. A reunião dos grandes grupos é mensal.

Estes pequenos grupos se reúnem para rezar, cantar, catequizar, etc.

Os grupos grandes se reúnem com os pequenos, para discussão dos eventos religiosos importantes como: Campanha da Fraternidade, Natal, Festa dos Santos, ou no caso de outros trabalhos, que fazem geralmente em conjunto com a SAB, como mutirão, reivindicações de calçamento da rua, retirada de lixo, construção de casas para desabrigados, etc.

Esta comunidade destaca-se por seu trabalho principalmente nas áreas de conflito social. Inicialmente no Pedregal onde famílias invadiram os lotes pertencente a particulares. A CEB de Santa Rosa ofereceu o seu apoio, juntando-se ao povo, que na sua maioria não tinham onde morar, pois eram desempregados, participando juntamente com outras entidades do processo de organização e com conscientização do povo com relação a sua necessidade de permanecer no local.

Outro momento importante de atuação da CEB de Santa Rosa foi o realizado junto aos trabalhadores da fazenda Ramada, embora não tivesse conseguido o êxito do caso anterior.

A invasão das Malvinas (Conjunto residencial) ofereceu a CEBs de Santa Rosa a oportunidade de se unir as forças comunitárias, procurando desenvolver a cooperação realizando missa, via sacra, comitê de apoio para encaminhar junto aos poderes públicos as soluções, deixando uma base para a formação de uma CEB local.

No final do ano de 84 os participantes da CEB de Santa Rosa, defronta-se com outro problema, onde 30

famílias estavam sendo expulso das terras, pela fazenda Amazonas, pelos novos donos. Para que toda a comunidade campinense tome conhecimento do fato, foi feita uma virgília em frente a Catedral, servindo para mostrar aos poderes públicos a gravidade do problema.

A participação nestas áreas de conflito exige coragem, pois a repressão velada ou declarada não deixa de existir.

Em entrevista com um dos que atuam nesta CEBs há mais de 8 anos ele colocou "Eu mudei muito meu modo de pensar, antes eu era cego, hoje eu já percebo as verdadeiras causas dos problemas, como eu não aceito mais, que o Nordeste é seco porque Deus quer e sim porque os homens querem. Atuo há oito anos, entretanto só fiquei sabendo do nome de CEBs recentemente, pois nosso trabalho é muito modesto e nós não damos muita importância a títulos. Só sei que passei a mim sentir mais gente, dentre deste meu trabalho, eu fiquei preparado e posso preparar um outro que esteja começando" (Entrevista).

Eu procurei colher a versão de uma mulher atuante onde ela disse-me "Eu já tinha dentro de mim o objetivo de ajudar os outros, dentro deste trabalho o meu objetivo se concretizou, eu pude sentir a aplicação dos invasores das Malvinas que mesmo sem as mínimas condições de vida queriam a sua casa própria. Como a televisão afastou as pessoas do convívio de vizinhos este foi o melhor meio de convivermos. Quanto ao papel de dirigente nada é imposto a gente se dispõe". (Entrevista).

Dentro da CEBs do Santa Rosa os jovens tem um papel de muita importância existindo 5 (cinco) grandes grupos de jovens com três anos de atuação e outros bem recente. Organizam-se grupos de jovens nos moldes do período 60 (JOC, JEC, etc.). Estes grupos tem um total de 12 a 15 jovens atuando diretamente.

As reuniões são mensais para os grupos grandes e semanais para os outros mini-grupos, que não só cuidam da parte espiritual como também da intelectual, social e econômica. Sempre segundo a atuação das CEBs procuram atuar dentro da realidade.

Em contacto com um dos líderes de um dos grupos, deu para perceber que dentro deste grupo a divisão dos trabalhos a serem realizados. Alguns jovens trabalham juntos com SABs, outros reúnem-se com grupos de jovens de outras áreas.

Um dos líderes do grupo JUC, cita que um dos últimos trabalhos está sendo a Campanha da Fraternidade, enquanto outros estão empenhados em debate político com os líderes dos partidos oficiais, sobre a possibilidade de legalização de partidos clandestinos.

O grupo de "formação" de CEBs no Catolé, tem um trabalho de mais ou menos três anos. Esta comunidade está dividida em cinco núcleos, que abrangem nove pequenas comunidades. Deste trabalho participam padres, freiras, seminaristas e leigos, geralmente atuam em áreas ocupadas por pessoas carentes.

O ponto de partida foi o convite direto fei-

to à toda comunidade realizando-se a primeira reunião, verificando-se a partir daí a distribuição dos grupos seguindo-se o critério dos objetivos comuns, estágio cultural, etc.

Iniciou-se a divisão de tarefas entre os grupos ou equipes (catequistas, jovens, preparação do batismo, visita aos doentes). A partir deste momento começa um processo de organização e a expansão dos trabalhos em zonas rurais como: Galante, Massapé, fazendas e sítios.

Em conversa com um membro, ele cita que as CEBs traz uma proposta de transformação da vida eclesial no bairro, e o principal objetivo é ajudar na formação de uma nova sociedade. Em que o homem tem que aprender repartir o pão, fraternidade, igualdade, etc., levando o povo a sentir os problemas não só individuais como do grupo. Como passo para esta dita transformação, mostra a necessidade de trabalhar junto com os órgãos intermediários que são SABs e Clube de Mães, para juntar as forças de mobilização. Desta forma teriam conseguido calçamento de ruas, colocação de abrigos, por exemplo, e no caso da Pedreira do Catolé, etc. Encaminhando-se lutas como a construção do Pró-Marin, etc. Apesar do número de problemas a comunidade está caminhando.

O trabalho iniciado no Pedregal remonta do período da invasão.

O quadro inicial, segundo um dos invasores "eu pagava aluguel quando soube que aqui estava sendo

invadido. Chegando aqui limpamos o terreno e começamos a construir a casa, sendo que eu e meu marido temia em se apossar da terra dos outros, mesmo assim fiz a casa, após um ano veio a intimação".

Após um ano é que a Igreja começa a participar através da CEBs de Santa Rosa. Como passo inicial o padre começa a juntar-se ao povo para organizar os grupos formando comissões de homens e mulheres para reivindicar junto aos órgãos públicos a posse definitiva dos terrenos no período do então prefeito Enivaldo Ribeiro. Diante dos perigo dos antigos donos reivindicarem os seus direitos, começam a se organizar grupos de 15 a 20 pessoas para evangelização, pregação, etc. Após dois anos imagina-se o salão Capela, onde é fruto até hoje, missas e reuniões de quinze em quinze dias.

Entretanto quando os moradores conseguiram a posse dos terrenos, como também água e luz, passa a existir um esvaziamento. Mesmo assim, ainda existe resquício de CEBs, sendo que não notamos trabalho conjunto com a SABS e Clube de Mães, talvez daí o seu enfraquecimento.

A CEB das Malvinas estruturou-se a partir do período da invasão recebendo o apoio da CEB de Santa Rosa não só com relação à parte religiosa como também a social. Após a repressão policial o povo começa a formar grupos para reivindicarem água, luz, etc.

Com ajuda de religiosas que radicaram na região inicia-se o trabalho rotineiro das CEBs, processando-se a divisão do trabalho (catequese, Evangelização, con

cretização). Segundo os participantes, o objetivo principal é a conscientização e politização.

Os grupos formado (reunem-se na SAB, para reivindicações de seus problemas "hoje o povo começa a entender o real da coisa, onde não só é preciso reunirem-seno momento de crise e sim numa contínua união". (Entrevista do).

A CEBs das Malvinas, fez a limpeza do terreno em mutirão para construção do salão Capela, estão em preparação da formação da associação dos desempregados e os jovens estão se organizando para realizarem trabalhos.

A CEBs do Quarenta, está em processo de formação. Atua há dois, em áreas da periferia e também semi-rurais, como por exemplo (Jardim Paulistano, Liberdade, Catolé de Zé Ferreira, Três Irmãos e Cruzeiro). O núcleo é formado por freira e leigos, que realiza um trabalho ligado mais a formação de atuação da Igreja tradicional.

Segundo um dirigente, a razão disto é a necessidade de se evitar um choque com a população que pode possuir um grau profundo de religiosidade popular, sentem-se ludibriados com mudanças mais radicais, por que um grande número habitavam ainda há pouco tempo a zona rural.

Mesmo assim, eles começaram a sentir a necessidade de união para conseguir seus objetivos. Como é o ca

so do Sítio Lucas onde a comunidade se reúne e fazem hor
tas em sistema comunitário. Na Caatingueira os moradores
lutam pela construção de um salão Capela, encontrando cer
tos problemas, mesmo assim, eles não desistem.

Existe dez grupos pequenos com uma média de
12 a 15 pessoas em cada grupinho.

- CONCLUSÃO.

A criação das CEBs está ligada ao processo da formação da Igreja Popular.

De acordo com a definição de amplos setores do clero, a Igreja Popular não pretende se afastar da hierarquia institucional da Igreja nem desobedecer aos padres, bispos ou do Papa, o que existe é a intenção, por parte de um amplo setor do clero, ele deu concretude a "opção preferencial pelos pobres" e nesse sentido aproximar e identificar a Igreja Católica com suas bases populares.

A partir desta colocação poderemos tentar caracterizar as CEBs apesar de não se tratar de uma realidade homogênea, pois existem algumas apresentem um conteúdo socialista, tomando emprestado alguns conceitos marxistas para a análise da sociedade ou para programa de organização da sociedade, a maioria não se afasta da

hierarquia da Igreja embora tenham como palavra de ordem a realização de mudanças fundamentais.

Atuando dentro de sua perspectiva, as mudanças preconizadas, de uma maneira geral tenderia a diminuir as agudas desigualdades sociais.

Partindo do princípio de que a fé é antes de tudo, um compromisso dos homens com seus semelhantes, com a sociedade como um todo e com o seu tempo, exigindo um engajamento em todos os problemas e todas as lutas que envolvem a sociedade.

A atuação das CEBs em Campina Grande, estaria enquadrada dentro deste processo mais geral.

A sua atuação se restringiria a ajudar a população a resolver os seus problemas mais imediatos.

Quanto ao processo fundamental de uma mudança estrutural da sociedade, a sua perspectiva é de uma mudança a longo prazo. De acordo com entrevistas de membros que aqui atuam "É questão para duas ou três gerações".

Os meios de se promoverem estas mudanças estariam ligados a um processo de modificação dos homens, que paulatinamente iriam modificando a sociedade.

As propostas examinadas a nível do Brasil e de Campina Grande parecem deixar entreaver que o ideal seria uma sociedade em que todos fossem proprietários. Concretamente não se cogitaria de como estas mudanças se

processariam.

De uma forma geral as mudanças se estabeleceria dentro de uma ordem estabelecida, e que as lutas entre as classes seriam substituídas pelo amor fraternal de todos os homens em Cristo, o que no meu entender, coloca as CEBs, com relação a este ponto, o processo de mudanças, mais no reino do "sonhar" do que no do "fazer". O aspecto negativo de sua atuação, a minimização dos conflitos sociais, evitando-se que soluções definitivas sejam encontradas para a erradicação definitiva da exploração.

O aspecto positivo de sua atuação liga-se a prática de iniciar os dominados na compreensão coletiva dos seus problemas e na tentativa de resolvê-los, ou dito de outra forma, de transformá-los de agentes passivos do processo histórico, em agentes ativos.

E à partir desta fase eles podem ir além da perspectiva inicial da igreja, que é promoverem a sua própria libertação.

- BIBLIOGRAFIA.

- ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de. *Pequena História da Formação Social brasileira*. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1981.
- BETTO, Frei. *CEBs rumo à nova sociedade. 5º Encontro Entereclesial das CEBs. Canindé. Julho. 1983.*
- CONSELHO, Episcopal Latino Américo (CELAM). *A Igreja na atual transformação da América Latina. A luz do Concílio. Conclusões de Medellín. Vozes. Rio de Janeiro. 1968.*
- FERMANDE. D. Luiz. *Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base. Vozes. Petrópolis. 1ª ed. Rio de Janeiro. 1984.*
- GONZAGA, Luiz Melo. *Ideologia Dominada, Ideologia Dominante e Consciência de Classe. Ed.*

UFPB. Campina Grande. 1981. (Dissertação de Mestrado).

- GRANGEIRO, Ma. Oliveira de. *A Igreja em Mudança*. Ed. URN (Universidade Regional do Nordeste). Campina Grande. 1982.
- HELENA SALEM (Coord.). *A Igreja dos Oprimidos*. Ed. Brasil Debates. 1981. (Brasil hoje).
- OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma Re(li)gião*. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1977. p. 32/86.
- OSM, Clodovis Boff. *Comunidades Eclesiais*. Vozes. Rio de Janeiro. 1978.
- ROSSI, D. Angelo. *A Experiência da Catequese Popular*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Vol. XVIII. 1958. p. 28/101.
- SILVA, Hélio. 1964: *Golpe ou Contra golpe*. 3ª ed. LPM. Editores. Porto Alegre. p. 155/275.
- SILVEIRA, Enio. *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1978. p. 95/132.
- SINGER, Paul e CALDEIRA, Brant Vinícios. *O Povo em Movimento*. Vozes. Rio de Janeiro. 1983. p. 59/61.